

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA EM LETRAS**

**A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA RESSIGNIFICAÇÃO DA  
HISTÓRIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS**

**LUIZ FERNANDO DA SILVA RIBEIRO**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup>. DELMA PACHECO SICSÚ**

**PARINTINS – AM**

**2023/2**

**LUIZ FERNANDO DA SILVA RIBEIRO**

**A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA RESSIGNIFICAÇÃO DA  
HISTÓRIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Aprovado (a) em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Delma Pacheco Sicsú (UEA)

Presidente

---

Franklin Roosevelt Martins de Castro (UEA)

Membro interno

---

Alex Viana Pereira (UFPR)

Membro externo

**PARINTINS – AM**

**2023/2**

# A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Luiz Fernando da Silva Ribeiro<sup>1</sup>  
Orientadora: Delma Pacheco Sicsú<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo mostrar como a literatura pode ajudar na visibilidade dos povos indígenas e como ela é uma ferramenta capaz de mudar os estereótipos equivocados e preconceituosos que ainda estão presentes na sociedade acerca dos povos originários. As obras analisadas são: *Olho D'água: o caminho dos sonhos* (2012) e *Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011), do escritor Roni Wasiry Guará, e *Histórias de Índio* (2016), do escritor Daniel Munduruku. Dando relevância nas denúncias sobre os problemas enfrentados, à cultura e o mito dos povos indígenas nessas narrativas. Por isso, a pesquisa é de natureza inteiramente bibliográfica, a qual consiste na análise de obras e pesquisas já realizadas. Com uso de obras de teóricos tais como Thiél (2013), Pereira (2022), Baniwa (2006) entre outros estudiosos acerca da temática indígena para o embasamento da pesquisa, visando a construção da imagem indígena desde o período colonial com os primeiros contatos do colonizador com os nativos, até os dias atuais mostrando como ainda existe uma luta para a valorização e preservação da cultura dos povos nativos por meio da literatura.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena; Importância; Ressignificação; História; Resistência.

## INTRODUÇÃO

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, no século XVI, a hegemonia de Portugal fez com que a sociedade europeia tivesse um olhar de superioridade sobre outras nações. Assim, ocorreu com os povos indígenas do Brasil, no período colonial, quando os lusitanos lançaram sobre os nativos uma perspectiva de subalternidade, o que fez com que eles se submetessem às diversas descrições de cunho pejorativo. Assim, os nativos eram descritos como seres sem cultura devido seu modo de viver. Essa imagem foi alicerçada como herança colonial e ainda hoje reverbera na sociedade.

A dominação e escravização dos indígenas pelos europeus contribuiu significativamente para que a visão que se tem do nativo seja equivocada. Na colonização eles eram vistos como mão de obra, por isso foram escravizados para a construção das primeiras cidades brasileiras. E se nos primeiros anos de colonização a luta dos indígenas era contra a escravidão, atualmente é para a preservação cultural de seus povos, o respeito pelas suas terras, a busca de reconhecimento e a luta pelos seus direitos.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do oitavo período de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

<sup>2</sup> Doutora e professora do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

Os nativos lutam diariamente para a conservação da floresta, que é invadida ilegalmente, seja para o garimpo ou desmatamento. Esses problemas afetam diretamente a vida desses povos, já que dependem inteiramente dos recursos naturais para sobrevivência, desta maneira esses atos ilegais contribuem para os problemas ambientais como a poluição dos rios e do ar, e o desmatamento contribui para o problema global, que é o efeito estufa.

Em consequência disso, os indígenas encontraram na literatura, uma forma de resistência contra os estereótipos criados acerca de sua imagem. Então, no século XX, inicia-se um movimento literário de escritores indígenas que buscam ressignificar a história dos povos nativos, nessa literatura, os autores procuram relatar não somente suas culturas, mas a luta que vêm enfrentando durante séculos, almejando o reconhecimento como cidadãos brasileiros, sem deixar de abdicar de suas identidades étnicas.

A luta dos indígenas tem sido árdua para quebrar os estereótipos criados sobre eles no período colonial, mas a literatura vem ajudando os povos originários na busca pelo reconhecimento, por isso, cada vez mais eles passam a escrever sua própria história, descrevendo as constantes lutas que enfrentam para poder viver como indígena. A literatura tem, pois se tornado uma ferramenta importante para desconstruir paradigmas acerca da imagem dos nativos. Isso se pode perceber, por exemplo, nas cartas de descobrimento, que eram escritas por pessoas não-indígenas. Nesses textos, a descrição dos nativos era de seres “selvagens” sem cultura. Hoje, porém, os escritores podem ressignificar a imagem de seu povo através da literatura, por isso as narrativas feitas por eles contam suas histórias, que são diversas.

Mas apesar do número considerável de publicações de obras literárias indígenas desde o século XX até o momento, esta literatura ainda tem pouca visibilidade comparada com obras da literatura clássica brasileira, havendo então a necessidade de estudos voltados para este âmbito, para que se tenha mais engajamento. Neste contexto, mais estudos e pesquisas voltadas para esta temática, pode contribuir para que ela tenha uma visibilidade maior, desconstruindo os paradigmas criados pelo colonizador, recriando uma nova forma de ver os povos nativos, por uma nova perspectiva acerca dos povos que aqui já habitavam quando os colonos chegaram.

A literatura indígena é um movimento ainda recente que surgiu na década de 70 com a luta dos indígenas em busca de seus direitos, e desde então cada vez mais escritores têm se dedicado à literatura como forma de mostrar a imagem dos nativos que a história não contou, mas que agora os próprios indígenas podem contar. Com o início desse movimento, foram

surgindo obras literárias, com o intuito de mostrar que os povos originários possuem cultura, língua materna, crenças e formas de governo, mas que não têm autonomia para viver como indígena, pois eles são excluídos da sociedade. Desta maneira, a literatura é uma forma de mostrar suas realidades, para quebrar a imagem de seres primitivos que precisam ser civilizados.

A literatura pode e deve ser uma aliada para os povos originários, pois através dela compartilham os saberes indígenas ensinando sobre diversas questões como o respeito aos povos nativos, a conservação do meio ambiente, entre outras questões. Para assim projetar uma imagem diferente daquela descrita nas cartas de descobrimento e expandir o conhecimento cultural dos povos originários, aumenta-se com isso, a visibilidade para que os seus direitos sejam respeitados, desfrutando dos mesmos benefícios como todos os outros brasileiros.

O presente trabalho é de natureza bibliográfica, partindo de obras e pesquisas já realizadas e publicadas para sustentar o tema da pesquisa, considerada de suma importância para a sociedade, pois a literatura indígena, que mesmo tendo produções cada vez mais frequente, ainda é pouco conhecida no cenário literário brasileiro. Por isso, o trabalho objetiva destacar a relevância e contribuições que essa literatura tem a oferecer para todos os tipos de leitores, pois são obras que concentram diversas informações acerca dos nativos habitantes do Brasil, principalmente da região norte, onde as publicações de escritores indígenas são mais frequentes, mas sem deixar de abranger toda a história indígena.

Para isso, as obras literárias indígenas selecionadas para a pesquisa são: *Olho D'água: o caminho dos sonhos* (2012), do escritor Roni Wasiry Guará, onde é destacado as denúncias circunscritas na obra, o autor descreve os problemas enfrentados pelo seu povo. *Histórias de Índio* (2016), do escritor Daniel Munduruku, o foco nesta narrativa, é mostrar a cultura e os saberes que os povos têm sobre a natureza. E *Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011), do escritor Roni Wasiry Guará. A obra é uma das mais conhecidas no cenário literário indígena, o destaque são os mitos, muito cultivados pelos nativos, que antes eram feitos através da oralidade, mas vem sendo escritos nas narrativas.

Este artigo está organizado por introdução, referencial teórico, análise das obras escolhidas, considerações finais, referências e glossário.

## AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL E A DESCRIÇÃO DA IMAGEM DOS POVOS ORIGINÁRIOS

O período colonial do Brasil começou a partir de 1500 quando os portugueses chegaram as terras brasileiras e por se tratar de uma terra até então desconhecida pelos europeus houve a necessidade de relatar ao império português as novas descobertas feitas pelos navegantes. Com isso, as primeiras obras consideradas literárias no Brasil são as cartas de descobrimento, cuja finalidade principal descrever tudo o que havia nas terras brasileiras, retratando as características da fauna, flora e das pessoas que aqui estavam.

O primeiro texto pertencente à literatura informativa foi *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500), na obra é descrita os primeiros contatos que os portugueses tiveram com os povos que já habitavam as terras brasileiras. O contato foi pacífico, já que os portugueses estavam em menor número, e mesmo tendo poder bélico superior aos nativos, os europeus optaram por uma forma pacífica, para ter mais liberdade e confiança dos indígenas e assim poder explorar as terras brasileiras.

No primeiro contato que os integrantes das caravelas tiveram com os nativos, satisfizeram algumas vontades dos índios, para que mais tarde já integrados ao território pudessem transitar com maior facilidade. O processo de dominação, exemplificado aqui é feito de forma não impor a vontade da Coroa inicialmente, até porque os europeus estavam em menor número, mas sim o exercício de poder, isto é obter aceitação quando orientados a agir de uma forma específica. (Matos, Avila e Santos 2013, p. 670).

Assim, nesses primeiras contatos com os habitantes os portugueses tomaram uma atitude pacífica, mesmo tendo interesse pelos recursos naturais que poderia haver nas terras. Como na *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500), a descrição de Américo Vespúcio também tinha o objetivo de descrever as características da nova terra, mas principalmente metais preciosos. Como afirma Bioni (2019) “Os navegantes deveriam registrar suas impressões, minuciosamente, a partir de descrições, com o propósito de informar ao monarca sobre a existência de riquezas naturais, como ouro prata, as características naturais [...]”, por isso a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500) descrevia tudo o que eles viram durante a exploração das terras. Quando os europeus se aproximavam das terras já avistavam pessoas nas praias. Assim, a primeira descrição de Caminha sobre os habitantes das terras foi a seguinte:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, suas setas [...] um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem coberta alguma. Nem fazem mais casos de encobrir ou deixa encobrir

suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso de verdadeiro [...] os cabelos são corredios. (Caminha, 1963, n.p).

E assim, houve a primeira impressão acerca dos nativos, a aparência que os europeus julgavam de seres “selvagens” pois não tinham cultura, forma de governo, vestimentas e religião. Outra obra descritiva é de Pero de Magalhães Gândavo (1576, p. 65) que descreve que “A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenamento.” Essas diferenças culturais observadas pelos colonizadores contribuíram para que a visão de superioridade fosse iniciada, já que todas as nações que não compartilhavam da mesma cultura da Europa eram consideradas bárbaras. O primeiro ato de intolerância dos europeus foi a catequização, pois para eles não havia outra religião a não ser o cristianismo e pelo fato dos indígenas não demonstrarem ter culto a uma religião, ou quando tinham uma crença, não era levada em consideração, pois para o colonizador a única religião era o cristianismo, e por isso os europeus viram a necessidade de converter os indígenas a essa religião.

Mesmo com a primeiro contato sendo pacífico, os europeus viram nos indígenas um povo inferior, e com os interesses nos recursos naturais que a terra podia oferecer. O cenário que antes era calmo começou a se transformar, pois os europeus iniciaram o processo de dominação e escravização sobre os nativos, como afirma Suchanek: (2012, p. 42) “Ao longo dos trinta primeiros anos de colonização, esta relação foi se transformando para conflito e escravidão, através da expropriação da terra e do uso da força de trabalho”, com isso percebe-se que a figura do nativo passou a ser equivocada devido ao olhar colonial, que usou os indígenas para explorar os recursos da terra, usando a força para capturar e escravizar os povos originários. Por isso os nativos quase foram extintos pelos colonialistas, mas resistiram e continuam ainda hoje lutando pelos seus direitos de ir e vir.

Logo, a visão dos europeus torna-se de superioridade pelo julgamento que foi feito acerca da imagem dos nativos, que conseqüentemente passaram a ter seus direitos violados. Surge então a luta dos indígenas em busca de sua liberdade, para viver sem deixar de ser indígena. Segundo Leno Danner, Julie Dorrico e Fernando Danner (2019, p. 224) “A busca pela desconstrução desse estereótipo produzido e legitimado em termos de colonização, assumido e promovido pela nossa modernização conservadora, por conseguinte, é o que impulsiona o

ativismo indígena [...]”. Esse ativismo indígena e imposição teve maior força a partir da década de 70, período no qual os nativos começaram um movimento para a reivindicação de seus direitos. Por isso na contemporaneidade os povos originários estão usando a literatura como forma de luta e resistência em busca de sua liberdade e autonomia.

Esse movimento ganhou impulso com a literatura, e os povos nativos adotaram essa forma para expor seus pensamentos, pois dessa forma, a luta deles podiam ser lidas pelas pessoas não-indígenas. Para Gama-Khalil e Souza (2015, p. 211) “[...] a literatura indígena é uma potencial forma de resistência, pois é fato que a arte literária instiga os leitores à revisão de posicionamentos [...]”. Por isso a literatura se tornou uma forma de luta na qual os povos originários podem expor seu ponto de vista através das narrativas, perpassando sua vivência e saberes de suas tradições, esses saberes podem ser lidos por pessoas que mesmo não sendo indígenas, podem mudar seu posicionamento e atitudes preconceituosos acerca da imagem dos nativos do Brasil.

### **A LITERATURA INDÍGENA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA**

A imagem do indígena como um ser que não é civilizado acontece desde o Brasil Colonial. Como afirma Zancan (2016, p. 60) “É inegável que a história dos indígenas vem de longa data, marcada por muitas situações de preconceito. Desde a colonização, a imagem do índio é estereotipada como a de primitivo ou de selvagem”. Além disso, outros problemas foram trazidos pelos portugueses, além da discriminação acerca dos nativos do Brasil. Esses problemas se fixaram na sociedade de modo que até hoje há uma distorção quando se fala do indígena, pois esse olhar de superioridade dos europeus se tornou uma questão estrutural. São vários as dificuldades enfrentadas pelos nativos com a chegada dos portugueses em terras brasileiras, como afirma Baniwa (2006, p.17) “De fato, a história é testemunha de que várias tragédias ocasionadas pelos colonizadores aconteceram na vida dos povos originários dessas terras”. Essas situações enfrentadas pelos nativos incluem doenças, guerras e escravidão, o que quase causou a extinção desses povos do Brasil.

Essa devastação que quase extinguiu os nativos, fez com que vários indígenas abdicassem de suas identidades étnicas. Os nativos não tiveram autonomia para viver em seus domínios; há aqueles que lutaram em defesa de seus povos, mas foram aniquilados pela pólvora e pelo ferro dos portugueses. Mesmo durante os anos iniciais de dominação, os povos indígenas

já eram descritos pela literatura, a chamada Literatura Descritiva, que eram utilizadas pelos colonos para mostrar à Europa, as características dessa terra nova.

Ao decorrer do tempo, essa discriminação se tornou uma ferida na sociedade brasileira que não cicatrizou, e permanece dificultando a inclusão dos nativos no sistema governamental brasileiro. Por isso, nos dias de hoje muitos indígenas deixam de seguir sua identidade étnica para ter direitos como cidadãos brasileiros. Segundo Hall (2006, p.9) “Esse duplo deslocamento - descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo”, pois eles são esquecidos pelo Estado, tendo que adotar outra identidade para terem seus direitos assegurados.

Com isso, muitos indígenas optaram por deixar sua identidade indígena, para ter direitos do governo, e acabaram esquecendo de suas comunidades. Isso abriu espaço para que as terras indígenas fossem violadas com desmatamento, garimpo e poluição dos rios, o que não é recente.

Essas violações deram início aos movimentos indígenas no século XX, que reivindicavam o respeito sobre seus direitos. A partir desses movimentos, a literatura de autoria indígena surge como uma ferramenta na luta para a garantia de seus direitos e a preservação da natureza. Essas obras abriram espaço para que cada vez mais indígenas utilizassem a literatura como forma de resistência, mostrando a cultura de seus povos e a diversidade étnica que há no Brasil.

Ressalta-se as diferenças entre tipos de literatura que retratam os indígenas. Como afirma Thiél (2013, p.1178) “No que tange à literatura indígena brasileira, acreditamos ser necessário um esclarecimento sobre alguns rótulos utilizados, a saber, literatura *indianista*, *indigenista* e *indígena*.” A literatura indianista diz respeito ao movimento romântico brasileiro, que segundo Thiél (2013, p. 144) “Os ficcionistas criam romances históricos, indianistas, de costumes, regionais e urbanos, nos quais elementos que trazem a cor local são enfatizados.”, onde os indígenas eram idealizados, para a valorização da cultura. A literatura indigenista se trata do indígena descrito por pessoas que não são indígenas, ou seja, o indígena é, na maioria das vezes posto como personagem principal das obras, mas pela visão dos não indígenas. E finalmente a literatura indígena, que é o foco deste trabalho, é escrita pelos próprios indígenas, com o propósito de trazer em suas narrativas, as vozes dos povos originários, defendendo a preservação de suas etnias.

Neste cenário, a literatura chega para os indígenas como uma ferramenta que pode ser utilizada para quebrar os paradigmas sobre a imagem dos nativos e assim, tomá-la como objeto de pesquisas e estudos. Essa literatura surge como forma dar visibilidade para suprir o sentimento de dívida e mostrar como os indígenas de fato são (Reis, Mendes, Santana e Benassi, 2021), visto que as comunidades indígenas possuem uma vasta riqueza cultural e hoje expressam essa riqueza, lutas e resistência nas páginas do livro.

A literatura de autoria indígena vem, pois se destacando cada vez mais para mostrar a imagem dos nativos. Os escritores têm se debruçado em trabalhar a história de suas etnias que antes era contada de forma oral, passando de geração em geração, mantendo-se viva as tradições desses povos. Contudo, para expandir essas histórias, a literatura pode ser muito importante, pois assim mais pessoas têm acesso à ela, e desse modo passam a ter um olhar diferente sobre os indígenas, sem estereótipos, o que há séculos não era possível.

Contudo, apesar de sua voz não significar presença para o colonizador em séculos anteriores, o índio resiste e expressa-se através de uma produção literária crescente enriquecedora no último século, o que faz com que vejamos como essencial um estudo de obras literárias que vêm acompanhar uma tradição discursiva milenar, no momento em que esta tradição encontra reconhecimento pela academia e pela crítica, buscando possivelmente uma identidade própria. (Thiél, 2006, p. 2).

Nesse sentido, a produção literária indígena tem como foco o atingir o público leitor para mostrar que os nativos estão lutando para ganhar espaço na sociedade e na literatura brasileira. A crescente produção de obras literárias de autoria indígena, ajuda a ressignificar a imagem dos povos indígenas do Brasil, Thiél (2013, p.1183) “A literatura indígena pode levar à formação da criança ou do jovem no multiculturalismo [...]”, por isso é de fundamental importância que haja mais trabalhos e pesquisas voltadas para essa literatura, para relevar a luta e resistência dos nativos.

Um grande avanço para o reconhecimento dos nativos do Brasil, é a Lei 11.645/2008, que torna obrigatório no currículo escolar o estudo da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Sendo assim, as obras indígenas serão mais trabalhadas no âmbito educacional, fazendo com que essa literatura seja mais valorizada e tenha mais visibilidade no cenário educacional brasileiro, Costa (2018, p. 3) “[...] falantes das línguas indígenas, além da língua portuguesa, professores indígenas, intelectuais e líderes comunitários passaram a escrever e publicar em suas línguas nativas e também em Língua Portuguesa”, assim, o acesso as obras indígenas se torna mais facilitado para o público leitor.

A produção literária indígena é de maioria infantojuvenil, mas se torna importante para os leitores adultos pela mensagem que cada narrativa traz, descrevendo as memórias de seu povo, destacando sua cultura, seus costumes suas crenças. Segundo Potiguara, Munduruku e Jecupé:

É impossível voltar no tempo e resgatar a condição do indígena antes da chegada do colonizador através de uma retomada do passado pela literatura, mas é possível através da criação de narrativas que sirvam como elo entre grupos étnicos, historicamente distintos, buscar a valorização desse passado, das memórias e a construção de novas identidades, valorizar as identidades estilhaçadas, silenciadas e negadas. (Potiguara, Munduruku e Jecupé, 2020, p.10).

Além de usar a literatura para descrever suas experiências em suas comunidades, como mostrar seus costumes e crenças, as obras indígenas também são carregadas de lendas míticas, de seres sobrenaturais e mitos que contam histórias da criação do mundo, pelas entrelinhas dessas narrativas, a mensagem que elas carregam são de preservação ambiental e cultural.

Desse modo, a literatura indígena tem a função político-social, pois os autores através dela descrevem os problemas enfrentados pelo de seus povos. Essas denúncias representam a luta que é travada desde o período colonial com os indígenas que buscam a autonomia. Essa função é demonstrada nas narrativas que tem o objetivo principal de levar os saberes indígenas para a sociedade não-indígena, construir diálogos e mostrar a realidade vivida pelos povos originários na busca pela emancipação social.

## **1. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

As narrativas literárias indígenas, geralmente de caráter infantojuvenil, trazem mensagens através das histórias dos nativos que, antes de serem registradas no suporte livro, eram passadas de geração para geração através da oralidade. Esta literatura ajuda a manter tais histórias e tradição dos nativos preservada, chegando para mais pessoas, levando o reconhecimento e respeito pelos nativos, mostrando que eles têm cultura, crenças e costumes.

A literatura é uma peça fundamental na luta para desconstruir equívocos que circulam na sociedade, pois a imagem que está enraizado sobre o nativo brasileiro é de um ser do passado, atrasado em relação à sociedade contemporânea. Por isso, a literatura ajuda os indígenas a descreverem sua imagem moldada na realidade em que vivem. Além disso, essas obras buscam trazer como mensagem um discurso de luta e resistência para a preservação do meio ambiente, no mesmo momento em que buscam respeito e reconhecimento para serem livres e respeitados pelo restante da população, já que mesmo com seus direitos assegurados pela lei, são violados.

A literatura possui algumas funções, como a catártica, estética, cognitiva e político-social (Lopes, 2021). Dito isso, a escolha das obras a serem analisadas neste tópico fazem parte de todas as funções mencionadas. Mas daremos destaque para a função político-social, pois os autores indígenas descrevem os diversos problemas, sentimentos e emoções a essas narrativas. E o principal sentimento que eles sentem é a indignação, visto que a literatura indígena se torna engajada, pois tenta dar voz aos povos que durante séculos foram abafadas.

Para analisar essa função da literatura a obra *Olho D'água: o caminho dos sonhos* (2012), do escritor Roni Wasiry Guará. Nesta obra o foco são as denúncias que o autor relata na obra. Mesmo que seja uma narrativa que conta a cultura Maraguá, as denúncias descritas nelas fazem com que o leitor reflita sobre as questões apontadas na obra. A segunda obra analisada é *Histórias de Índio* (2016), do escritor indígena Daniel Munduruku. Nessa obra o destaque não é apenas para as denúncias, mas para o objetivo que remete o título, descrever o conhecimento do povo Munduruku sobre a natureza, ou seja, o destaque a ser analisada é a cultura desse povo na obra, para que os leitores quebrem o paradigma do ser primitivo, como ainda é visto o indígena.

A terceira obra selecionada para a análise é *Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011), de Roni Wasiry Guará. A análise busca verificar os mitos, pois a crença dos povos nativos se dá pela presença do mito, que para muitos não corresponde à verdade. Mas para esses povos, são sagrados e representam sua cultura.

A análise dessas obras tem um objetivo comum, contribuir para que haja a quebra de estereótipos negativos acerca dos povos originários, visando destacar as denúncias, e os mitos que fazem parte da cultura dos nativos. A literatura perpassa essas questões na busca da reflexão do leitor, para que a realidade desses povos tenha mais visibilidade. Essa visibilidade aumenta os estudos voltados para essa literatura, o que faz com que cada vez mais os nativos sejam reconhecidos e respeitados como povos que fazem parte do Brasil.

## **OLHO D'ÁGUA: O CAMINHO DOS SONHOS, AS DENÚNCIAS CIRCUNSCRITAS NA NARRATIVA**

Antes da literatura indígena escrita, as histórias nas comunidades eram passadas de geração para geração através da oralidade pelo narrador, geralmente, pessoas mais velhas contavam as histórias para o restante da comunidade através da fala. Há uma parcela das

comunidades indígenas que ainda perpassam as histórias desta maneira, e outras que adotaram a escrita como forma de levar essas narrativas ainda mais longe do que a voz pode chegar. Segundo Guesse (2011, p. 6) “Dessa forma, os escritores da floresta conseguem compor uma obra reflexiva, estética, mas que se mantém como um produto cultural da comunidade que cada um deles representa.”, ou seja, através da história escrita, pode-se moldar essas narrativas de acordo com o objetivo dela, como descrever a cultura, provocar reflexão no leitor ou até mesmo relatar uma denúncia.

A literatura indígena ainda é desconhecida por muitos. O termo pode causar estranheza, mas ela está cada vez mais próxima das pessoas. Há casos, por exemplo, de pessoas que são leitoras assíduas, mas que ainda não tiveram em contato com a literatura de autoria indígena, por isso os livros indígenas sejam físicos ou em plataformas digitais ajudam na divulgação da cultura dos nativos e assim, as pessoas conseguem acesso à essas narrativas.

As histórias indígenas carregam a cultura desses povos e suas tradições. Ajudando não só manter essas tradições vivas, mas também expande o conhecimento dessas tradições para pessoas não-indígenas. Nas escolas é importante manter os alunos em contato com a literatura indígena, pois favorece o reconhecimento desses povos.

Um exemplo dessas narrativas escritas que resgatam a memória das tradições dos povos originários, é o livro *Olho D'água: o caminho dos sonhos* (2012), de Roni Wasiry Guará, escritor indígena da etnia Maraguá. No referido livro, o escritor narra a história sobre o ponto de vista do indígena Waykãna, relembra o tempo de harmonia em que sua aldeia vivia antes das chegadas dos Arigáwa, o invasor das terras indígenas. Depois da chegada dos invasores, a vida desses indígenas se tornou triste pela poluição dos rios, desmatamento e garimpo. Nas palavras de Waykana “No lugar da floresta, novas plantações. O clima também mudou, o ar ficou o poluído, e por todos os lados que se vê é fumaça.” (Guará, 2012, p.10), com isso, o livro é carregado de denúncias dos problemas que o povo Maraguá enfrenta com a invasão de suas terras, além do discurso de preservação que está muito presente na obra.

O título do livro, tem um significado muito simbólico, pois Olho D'Água, significa o surgimento de novas águas, assim como é renovada a esperança para os nativos, de um dia poder viver com autonomia, onde sua cultura possa ser cultivada sem ser julgada, como é descrito nas palavras do velho sábio, em um diálogo com Waykãna “-Nossas tradições ainda nos dão esperança de que vale a pena viver, ainda são o que nos mantem de mãos dadas para

que não se quebre o círculo de nossas vidas.”, neste sentido, a obra não traz apenas uma narrativa, mas um relato de como foi e como é a vida do indígena com violações de direitos, mas que os povos, mesmo com diferenças culturais, unem-se para continuar a luta contra as invasões das terras, que para os nativos, é um lugar sagrado.

O objetivo dessa narrativa é fazer denúncias sobre a invasão das terras indígenas, que deveriam ser preservadas juntamente com a identidade cultural desses povos. Através da obra o autor relata seu lamento ao ter as terras de seu povo invadida, como se pode observar no seguinte trecho “Waykãna tem andado tristonho nos últimos dias, lembrando que, muitas luas atrás, havia sido cravada a flecha da dor em seu coração, quando se viu em meio a uma invasão no lugar onde mora”. (GUARÁ, 2013, p. 9). Nesse trecho é mostrado toda a tristeza do velho pajé ao presenciar sua terra sendo invadida para a extração de riquezas naturais. Essas extrações que trazem lucros para algumas pessoas, mas que prejudicam a natureza, depois da invasão nas palavras do autor “Vieram os garimpos, o inferno de muitos pelo paraíso de poucos./ Os animais fugiram, os pássaros voaram para longe o clima mudou./ Pela manhã, gigantes árvores centenárias estão de pé. À tarde milhares delas estão no chão.” Guará (2013, p. 10). Por mais que a narrativa seja curta, é evidente o teor crítico que o autor busca destacar na obra, relevando as denúncias e as consequências da exploração da floresta.

Por isso, a literatura ajuda a relatar essas violações através de denúncias introduzidas nas narrativas contemporâneas, como no livro *Olho D'água: o caminho dos sonhos*, onde Guará (2013) insere seu descontentamento com as invasões às suas terras, por isso busca na literatura uma forma de expressar sua indignação com o descaso.

A escrita e suas possibilidades são de grande interesse para os povos indígenas no Brasil, especialmente pela sua atenção como guardiã e portadora da voz, da memória e da realidade destes povos, possibilitando além da preservação a divulgação de suas histórias, conhecimentos e reivindicações levando seus discursos para além do tempo e espaço. (Lima, 2012, p.34).

O autor não deixa de expor seu discurso em defesa de seu interesse e seu povo. Na narrativa também é perceptível a presença da cultura do povo Maraguá onde descreve que “[...] curumins e cunhatãs, com espetos nas mãos, assavam curimatã, tambaqui, tucunaré, e não faltava milho, batata, macaxeira e uruá[...]”, e/ou ainda como parte de seus costumes “[...]os adultos, sentados em círculos, bebiam na cuia o tarhubhá que havia sido enterrada dentro das cabaças trinta dias antes da festa[...]”, Guará (2012, p. 12). Com isso, mostra-se que as tradições

estão presentes na narrativa como forma de demonstrar a cultura de seu povo, para que os leitores possam rever seus conceitos e ver a imagem do indígena por outro ângulo.

Em *Olho D'água* (2012), é observável o caráter cultural do povo Maraguá, porém, o que chama a atenção é a presença de denúncias que são expostas na narrativa, onde Guará (2012) afirma que após a invasão o ar ficou poluído, as árvores centenárias foram derrubadas em nome do progresso.

[...] é essa a escolha epistemológica, política e estética assumida e utilizada pelos escritores indígenas em termos de construção e de publicação de suas obras o que significa que sua literatura é uma literatura engajada, militante e ativista em relação à condição e à causa indígenas, aliando-se profundamente ao Movimento Indígena e promovendo-o. (Leno Danner, Julie Dorrico e Fernando Danner 2019, p. 228).

Neste sentido, o autor busca ressaltar os problemas enfrentados pelo seu povo, caracterizado pela luta constante contra as invasões de terras indígenas, essa literatura torna-se uma literatura engajada pelo forte teor crítico expresso, contendo descrições de quais são as violações, que na narrativa é o garimpo e o desmatamento, até as consequências delas, que são a poluição dos rios pelo garimpo e ar pelo desmatamento e queimadas.

## **HISTÓRIAS DE ÍNDIO: A RIQUEZA CULTURAL INDÍGENA**

A obra *Histórias de Índio* (2016), é do escritor indígena Daniel Munduruku, um dos mais importantes autores do cenário literário indígena, que através de suas obras, assim como Guará, usa a literatura para conscientizar as pessoas não-indígenas sobre os povos nativos do Brasil. O termo “índio” presente no título da obra é proposital, pois segundo Munduruku (2016, p.9) “[...] é uma provocação aos leitores, pois hoje em dia, não se fala mais em “índio”, mas em “indígena”, uma palavra que significa “nativo” e é a melhor forma de se referir às pessoas que pertencem a um povo ancestral.”, por isso o autor busca utilizar esse termo como forma irônica de mostrar que o “índio” tem cultura, língua e costumes como o homem branco, e ao ler o conto da obra, leva o leitor a refletir e a mudar o jeito de ver a imagem do indígena como um ser aculturado e selvagem.

A literatura indígena contemporânea é uma expressão artística das diferentes etnias indígenas, que têm encontrado no mercado editorial brasileiro um meio não só de registrar a história, a ancestralidade, cultura, modo de ver e estar no mundo, mas também uma forma de dialogar com a sociedade não indígena e assim contar sua história escrita pelas mãos do escritor indígena, contribuindo para a quebra de estereótipos e equívocos que ainda hoje circulam na sociedade contemporânea sobre os povos originários. (Sicsú, 2022, p.113).

Com isso, o autor utiliza a literatura como meio de dialogar com a comunidade não-indígena de todo o Brasil, para que o objetivo principal da literatura seja atingido. Além disso, a literatura ajuda a manter viva as tradições centenárias de vários povos, a ancestralidade enraizada nos nativos pode ser expandida e apreciada por pessoas de diferentes localidades do Brasil. Ocorre na obra de Munduruku (2016), nela contém, segundo o autor “[...] um conto, algumas crônicas e informações sobre os povos indígenas do Brasil.” (Munduruku, 2016, p. 9). Sendo assim, além de deleitar-se com o conto sobre a cultura do povo Munduruku, os leitores podem aprender um pouco mais sobre as etnias brasileiras, como se organizam, os principais problemas enfrentados por eles, suas crenças e outras informações que são muito úteis para os leitores que buscam mais conhecimentos dos povos originários pertencentes ao Brasil.

No capítulo da obra intitulado *O menino que não sabia sonhar*, conta a história do pequeno guerreiro indígena Kaxi, que passa a ser visto como líder para seu povo através dos sonhos do pajé Karu Bempô, que além de ser o líder da aldeia do Munduruku, é tio de Kaxi. Mas para ser pajé, que é um líder também espiritual, o pequeno indígena terá que passar por alguns desafios para mostrar ao seu povo que está pronto para os liderar e conseguir respeito, passando para a maioria. Com esse poder de liderança, o pajé guiará seu povo na luta contra o homem branco invasor de terras.

Apesar de ser um conto que narra a história de um menino de 12 anos de idade que iria se tornar pajé, o livro traz diversas críticas acerca da destruição ambiental, perceptível na conversa que o pajé tem com Kaxi no ato do batismo do menino. Segundo o pajé:

-Há muitas forças negativas que querem exterminar o nosso povo, a nossa cultura. Os *pariwat* vêm até nós com promessas na ponta da língua. Prometem manter nossa tradição e nossos costumes, dizendo que são nossos *oboré*, que gostam dos índios, que somos mais importantes habitantes dessa terra e os verdadeiros brasileiros, mas o que fazem é sempre o contrário do que falam: destroem nosso povo e nossa cultura. Eles chegam com suas máquinas do progresso, trazem máquinas que falam e cantam mas não ouvem nosso cantar, vêm com seu papel que fascina e que chamam *ibubtupuat* querendo a alma do nosso povo. (Munduruku, 2016, 14).

Com isso, mostra-se as diversas formas que os indígenas buscam defender através da literatura, sua ancestralidade, que por força, o homem branco tenta destruir por achar que esses povos são seres primitivos, que não tem o poder de escolher entre lutar ou desistir de sua identidade. Mas com a ajuda da literatura, podem levar suas lutas mais longe, para que as pessoas ouçam a voz da ancestralidade que são os povos indígenas. Por isso a literatura indígena

contemporânea é muito importante na luta contra a discriminação e exclusão dos indígenas do sistema político brasileiro.

A literatura indígena na contemporaneidade tem sua ação não somente a figura do escritor/autor que reflete sobre os saberes e as práticas ancestrais, mas também a presença e o protagonismo do intelectual indígena que defende os direitos próprios aos povos indígenas (existência, demarcação territorial, proteção às tradições, respeito étnico etc.) dentro e fora do cenário nacional. Com efeito, os intelectuais indígenas também encontram no campo literário a possibilidade para apresentar uma voz-*práxis* que é, ao mesmo tempo, *estética* e *política*: é na autoafirmação, autoexpressão e autovalorização desde a literatura – e de uma literatura escrita de modo autobiográfico, mesclando o eu-nós lírico, cultural, comunitário e político - que os escritores e intelectuais indígenas reafirmam sua existência, re-existência e resistência falando por si mesmos[...].”(Peres, 2017, p. 144-115).

Nessa obra, o autor utiliza a literatura como porta-voz de seu discurso, mesclando elemento da cultura do povo Munduruku com os problemas por ele enfrentado, fazendo com que o leitor seja convidado a refletir sobre essa causa, e passa também a ter outro olhar em relação ao indígena, despertando o interesse por mais leitura de autoria indígena seja como forma de entretenimento ou em busca de conhecimento sobre o modo de vida e a constante luta dos nativos, pois além da riqueza cultural que essa literatura carrega, é imprescindível destacar os problemas que afetam os povos.

Além de expor a problemática ambiental que afeta o povo, Munduruku (2016) não deixa de levar para os leitores, o conhecimento cultural de seu povo, onde ele mescla elementos imaginários com a realidade para descrever a convivência dos indígenas, de como desde pequeno, as crianças são postas em desafios para provar que estão preparados para a maioria, que é um sinal de respeito pela aldeia. O conto é composto por tópicos, e no tópico intitulado “O modo de vida”, em que autor descreve os afazeres de Kaxi antes do desafio para mostrar estar pronto para se tornar pajé. Segundo Munduruku (2016, p. 15) “Até os cinco anos andava sempre muito próximo de sua *ixi*, que o levava a toda a parte. Na época das *muba’at*, aprendia com o pai a manusear os produtos da natureza que podiam protegê-lo quando chegasse a hora de sair de casa sozinho.”, com isso, mostra-se a presença dos tutores do menino que são os adultos, com os quais o menino aprende o necessário para quando chegar o desafio, Kaxi estar preparado para as diversas situações que podem acontecer, e assim mostrar sua coragem diante da sua comunidade.

É nesse trecho do conto que o autor expõe a cultura de seu povo, o artesanato faz parte dela, onde o narrador descreve que Kaxi “Aprendia, também, a coletar *ixiwe*, *kio’uk*, palhas

para confeccionar os ictius que as mulheres usariam no transporte de frutas, mandioca e outros produtos.”, (Munduruku, 2016, p. 15). Sobre a chuva, o menino fica curioso para saber o porquê de todos os indígenas da aldeia ficarem em casa fazendo artesanato, o pai do menino explica que:

[...] Quando chove, o rio sobe e os peixes se escondem entre as raízes das árvores, e fica difícil encontrá-los. Os animais também fogem das águas do rio procurando-se abrigar em lugares secos. Por isso, eles às vezes ficam muito longe de nós e passa a ser perigoso para qualquer homem se aventurar na mata adentro afim de caçar. Quando chove, as mulheres também ficam em casa cuidando dos afazeres domésticos, pois, nesta época do ano, as cobras vão para os roçados e podem atacar as pessoas. (Munduruku, 2016, p.15).

O autor busca por meio deste conto, levar conhecimento para as pessoas não-indígenas, descrevendo o conhecimento sobre a chuva, sobre a escassez de caça e o perigo de estar no roçado durante o período chuvoso, aponta o conhecimento que os indígenas têm sobre a natureza, levando ao leitor, aprendizado que seu povo tem acerca da chuva e suas consequências, ajudando a desconstruir o estereótipo de um nativo sem experiência. Ajuda a mostrar também a cultura presença dentro das comunidades, Morais (2022, p. 46) “Escrever histórias a partir dessas vivências e valores diferentes é uma forma de promover a valorização cultural, é mostrar que os povos indígenas não estão parados no tempo”, assim, através da literatura é possível levar o conhecimento dos povos a manter essas tradições vivas.

Ainda sobre o modo de viver, o narrador descreve como a sobrevivência no período da seca, que é o período em que a forma tradicional de conseguir alimento, que é a caça e a pesca, fica mais difícil, por isso o povo recorre às plantações nas roças para a produção de alimento. Segundo a autor esse processo “[...] consistia na derrubada e queimada de um pedaço de terreno [...] cuja tarefa era o plantio dos meios necessários à sua sobrevivência e de sua família” (Munduruku, 2016, 15), e assim, sobrevivem a época da seca. Sobre esse processo de derrubada e queimada, Kaxi fica triste ao vê-lo, mas sua mãe explica que “[...] a natureza sofre quando as pessoas a destroem por maldade. Nós não temos outra saída. Se não derrubarmos algumas árvores para fazer roçado, acabaremos morrendo de fome” (Munduruku, 2016, 15), assim, o autor mostra que nesta atividade do roçado há essa derrubada e queimada de árvores, mas é por uma causa necessária que é a sobrevivência, ao contrário dos invasores, cuja finalidade é somente exploração.

O autor descreve a forma como os jovens devem enfrentar os desafios para se tornarem adultos perante os outros indígenas de sua comunidade, e esse processo é um símbolo de bravura para os jovens, pois passar do desafio de sobreviver muitos dias na mata sozinho em busca de caça é um trabalho arriscado e árduo. Isso revela o costume do povo Munduruku de mostrar aos jovens o poder da responsabilidade para ser o chefe de sua família, conseguindo manter sua sobrevivência.

Esse livro é muito importante, pois ele descreve o conhecimento que o povo Munduruku tem sobre a natureza, isso faz com que o pensamento eurocêntrico seja quebrado. Ele representa a luta de todos os indígenas que buscam autonomia para viver sua verdadeira identidade, que não tenham que abdicar de sua essência para ter seus direitos assegurados.

### **ÇAIÇU INDÉ: O PRIMEIRO GRANDE AMOR DO MUNDO, OS MITOS NAS NARRATIVAS INDÍGENAS**

Além da literatura indígena ter a função político-social, ela carrega diversas histórias de cada etnia, dentre as muitas histórias, está a presença dos mitos, que molda a forma da crença de cada comunidade, esses mitos que contam as histórias de como foram criadas todas as coisas que há no mundo. E influenciam diretamente no modo de vida dos nativos. Segundo Silva e Sousa (2017, p. 206) “Em algumas culturas, o mito é concebido como algo real que aconteceu ou irá acontecer, logo se torna funcional, refletindo acerca da ótica da prática religiosa”, em vista disso, possuem grande influência no modo de vida dos indígenas, pois para muitos se tornam reais, e funcionam como religião.

Para alguns estudiosos voltados para a mitologia, podem ter diversos tipos, mas para os mitos indígenas, destaco alguns tipos principais que predomina na narrativa *Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011), o mito cosmogônico, de origem, e escatológico. O cosmogônico se trata da criação do mundo, ou seja, uma possível explicação de como o mundo foi criado, o de origem é a criação das coisas que tem no mundo, animais e árvores e todos os seres, já o escatológico representa o fim do mundo, ou seja, o fim do mito cosmogônico, mas que haverá um novo começo, para assim continuar os ciclos da vida.

Para o estudo do mito, a obra *Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo* (2011) é de fundamental importância, pois a obra abarca alguns dos já citados. A obra trata desde a criação do mundo até a morte e o surgimento de novas formas de vida.

Na obra, a explicação da criação do mundo por Moñag, estava na vastidão que era o universo, mas que era silêncio e vazio, por isso ele teve a ideia da criação mundo, como afirma a voz narradora:

certo dia uma grande voz soou em sua solidão, e, por meio de trovões, trouxe-lhe uma mensagem. Moñag começou a rezar, e o fez durante milhares de anos, cultuando o divino que havia dentro de seu coração e, finalmente veio-lhe a inspiração para organizar a criação do mundo. (Guará, 2011, p. 7).

Percebe-se então, a presença do mito cosmogônico na obra pela presença de um ser criador, que na obra é Moñag, e que é um ser divino, e que por isso tem o poder da criação. Depois de criar o mundo ele o sol que é chamado de Guaracy, “[...] que significa força e coragem. Vários outros seres foram criados.” (Guará, 2011, p.8), nesta ação da criação dos seres que habitam a terra há presença do mito de origem, que diz respeito a criação de todos os seres.

Com a criação da noite é que começa o desenvolvimento do enredo da obra, pois as serpentes a roubam, então apenas o sol é a única luz que passa a iluminá-los. Na criação dos seres humanos, como apenas ficava dia, a pele deles ficavam queimadas devido à excessiva exposição aos raios solares. Segundo o narrador “sobre a terra foram criados os homens: eram fortes e valentes, e tinham a pele queimada pelo sol, viviam em perfeita harmonia.” (Guará, 2011, p. 9). Com a criação dos homens é possível reafirmar a presença do mito de origem.

A história da obra gira em torno de dois personagens principais, Guaracy, que é o sol e criação de Moñag, e Yãny, que segundo o narrador “uma linda e formosa jovem guerreira do povo” (Guará, 2011, p. 10). Que explorando parte da floresta, avista um raio de luz no igarapé, e se apaixona por Guaracy. E todos os dias em quem Guaracy a aparecia ela ia vê-lo, porém, com a chegada dos dias chuvosos Guaracy quase não aparecia, isso entristeceu Yãny.

Os pais de Yãny perceberam sua tristeza, então ela contou-lhes o motivo, eles explicaram para ela que era impossível tão união e o sol aparecia em outros lugares. Ela parte então a procura dos lugares em que Guaracy aparecia, mas não o encontrou.

Na aldeia, um guerreiro levou presentes para as serpentes, assim a noite voltou, e com ela os dias de sol. Guaracy e Yãny puderam se encontrar novamente, porém Aryãg, mandou uma serpente morde a jovem, assim foi feito. Antes de morrer Yãny pediu para ficar perto de

Guaracy, Monãg decidiu então transformá-la na lua, assim os dois poderiam ficar perto do outro, mas quando a noite aparecia o sol sumia. Então Monãg criou o eclipse para que os dois pudessem se encontrar. Já a presença do mito escatológico na obra, aparece quando Yãny morre, mas pede ajuda para Monãg, ele a ajuda e assim ela vira a lua. Então foi necessária a morte de dela para que ela surgisse como outro ser, o que caracteriza esse tipo de mito.

Essa narrativa, além de carregar os mitos, também abarca um grande valor cultural para o povo Maraguá, pois não se trata como apenas histórias para serem contadas para entretenimento, mas são ensinamentos que cada povo possui, essas formas de crenças são modelos de educação para os nativos. Segundo Simas e Pereira (2016, p. 151) “Por isso, as narrativas indígenas são reais e cheias de sentidos, os quais vêm elucidar, por exemplo, a origem do universo e de todos os seres existentes”. As narrativas contendo os mitos indígenas não se trata de algo longe da realidade, pois esses mitos são suas crenças, a explicação da criação do mundo e dos seres que vivem na terra.

Assim, as narrativas indígenas contendo os mitos específicos de cada etnia, serve como instrumento para levar aos leitores seus conhecimentos que seguem de seus antepassados, visando o conhecimento das crenças dos indígenas, que influencia o modo de vida, pois assim como as outras religiões pelo mundo tem seus seguidores, e todas têm uma possível explicação para a criação do mundo, com os mitos indígenas não é diferente, são histórias sagradas que dizem à respeito de seu povo e sua ancestralidade.

## **CONCLUSÃO**

Essas narrativas recontam a histórias dos povos indígenas por meio de histórias que em maioria são da categoria infantojuvenil, mas que por trás das linhas trazem aos leitores, mensagem que levam à reflexão sobre o modo de vida dos nativos, e assim eles passam a ver essa imagem com outros olhos, onde o preconceito não tem espaço e o respeito prevalece.

Logo, a literatura mostra sua importância no papel de expandir a história indígena para mais lugares, reafirmando a resistência e ressignificando a imagem dos povos indígenas, mostrando também a diversidade dessas comunidades, que durante séculos não tiveram vozes, pois foram silenciados pela opressão colonial, e que por vezes tiveram de abdicar a identidade indígena para terem seus direitos como brasileiros, mas com a criação da Lei N. 11.645, passaram a ser mais reconhecidos com o estudo obrigatório da história dos povos indígenas brasileiros nas escolas, permitindo assim, mais autonomia para os nativos. Mas mesmo com a

criação de leis, ainda tem um longo caminho a ser percorrido para que eles sejam mais respeitados, visto que a imagem do indígena como “selvagem” ainda está presente na sociedade.

Então, com as vozes crescentes a cada dia e com a ajuda fundamental da literatura, as tradições desses povos serão reconhecidas, preservadas e apreciadas pelos leitores, e assim, através de textos literários, poderão conhecer a riqueza cultural que compõem as comunidades indígenas do Brasil ressignificando a história desses povos que por muitos séculos foram narrados e descritos pelo olhar do não-indígena.

## REFERÊNCIAS

BENASSI, Claudio Alves; MENDES, Jonas Junior; REIS, Quézia Mary da Silva; SANTANA, Áurea Cavalcante. **Traços Identitários e Culturais Presentes na Literatura Produzida Pelos Indígenas** Semi Edu, [s.l.]. 2021.

BIONI, Amanda Moury Fernandes. Quando Américo conhece a América: as representações dos povos do Novo Mundo nas cartas de 1502 e 1503. **interFACES**. Rio de Janeiro, nº 29. Vol. 1, p. 50-67, Jan./jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília. Disponível em < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) > . Acesso em: 2 de abr. de 2023.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta a El Rei D. Manuel, Dominus**: São Paulo, 1963.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena brasileira: entre tradição, crítica e resistência. **Revista Graphos**, Vol. 21, nº 1. Pernambuco, 2019, p. 212-238.

COSTA, Marta Rocha. Edições de Literatura Indígena no Brasil: visibilidades e opacidades. **Anais do XII jogo do livro e II Seminário Latino-Americano: Palavras em Deriva**, Belo Horizonte, 2018.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. SOUZA, Lorena Faria de. **Caderno Seminal Digital**, ano 21, nº 23, v. 1. JAN-JUN/2015, p. 206-232

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**/ Pero de Magalhães Gandavo. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GUARÁ, Roni Wasiry. **Çaiçu Indé: o primeiro grande amor do mundo**. [ilustrações Humberto Rodrigues]. Coleção Nheengatu. Editora Valer. Manaus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Olho D'água: o caminho dos sonhos**. Editora autêntica. Belo Horizonte, 2012.

GUESSE, Érika Bergamasco. Da Oralidade à Escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil. **Anais do SILEL**. Volume 2, Número 2. Uberlândia. 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Amanda Machado Alves de. **O livro Indígena e suas Múltiplas Grafias**. FaLe/UFMG. Belo Horizonte. 2012

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LOPES, Felipe da Silva. As funções da literatura. **Revista de Direito, Arte e Literatura**. V 7, N.1, p. 96-114, jan/jul. 2021.

MATOS, Julia Silveira; AVILA, Luciane dos Santos; SANTOS, Fernanda dos Santos. A escrita de Pero Vaz de Caminha e as características da história moderna para o ensino de história. **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 2, nº 6. Ago. [s.l.] 2013, p. 965-976.

MORAIS, Bete. A poesia dos corpos indígenas no Brasil. *In*: PEREIRA, Alex Viana (org.). **Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque**. Editora FI. Porto Alegre, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de Índio**. Ilustrações LauraBeatriz. 2ª ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2016.

PERES, Julie Stefane Dorrico. Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil: da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. Vol. 11. [s.l.]. Nº 3, 2017.

POTIGUARA, Eliane; MUNDURUKU, Daniel; JECUPÉ, Kaka Werá. **Literatura indígena e a narrativa da memória: Eliane Potiguara, Daniel Munduruku e Kaka Werá Jecupé**. FURG. Rio Grande 2020.

SICSÚ, Delma Pacheco. O encontro das águas da literatura indígena no Amazonas: entre a oralidade e a escrita. *In*: PEREIRA, Alex Viana (org.). **Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque**. Editora FI. Porto Alegre, 2022.

SILVA, Anne Emanuelle Cipriano; SOUSA, José Rodrigo Gomes de. **O mito e o rito na espiritualidade indígena: uma visão a partir dos Potiguara e Tabajara**. Diversidade Religiosa. João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 202-215, 2017.

SIMAS, Helen Cristina Picanço; PEREIRA, Regina Celi Mendes. Mitos dos mitos e lendas indígenas. *In*: **Estudo Clássicos e Humanísticos & Amazonidades**/ organizadores, Weberson Grizoste e Renan Albuquerque. Parintins Gráfica e Editora João XXIII. Manaus: EDUA, 2016.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p.64-83. 2021.

SUCHANEK, Márcia Gomes O. Povos indígenas no Brasil: de escravos à tutelados, uma difícil reconquista da liberdade. **Confluências**, Vo. 12, n. 1. Niterói. Out. 2012, p. 240-274.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre. V. 38, n. 4, p.1175-1189, out./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira e norte-americana em destaque**, Curitiba, 2006.

ZANCAN, Marcia Rejane Kristiuk. A Literatura Canônica e a Voz do Indígena. **Litterata**. Ilhéus. V. 6/2, p. 59-70. jul-dez .2016.

## GLOSSÁRIO

**Arigáwa**: homem branco (não-indígena);

**Aryãg**: espírito mal, demônio;

**Guaracy**: sol;

**Ictius**: vasos;

**Igarapé**: pequeno rio que se liga aos grandes cursos de água;

**Ixi**: mãe;

**Ixiwe**: embira;

**Kaxi**: lua;

**kio'uk**: bambu;

**muba'at**: chuva;

**Moñag**: Deus;

**Pariwat**: inimigo;

**Tarhubhá**: bebida feita à base da mandioca.